



**Animais medievais e configurações de gênero na crônica colonial:
estratégias discursivas e ordem política**
**Animales medievales y configuraciones de género en las crónicas coloniales:
estrategias discursivas y orden político**
**Animals medievals i configuracions de gènere a les cròniques colonials:
estratègies discursives i ordre polític**
**Medieval animals and gender configurations in the Colonial chronicles:
discursive strategies and political order**

Pedro Carlos Louzada FONSECA¹

Resumen: La representación de la realidad natural de América personificada en la crónica del Brasil Colonial está permeada por una postura dicotómica situada entre el asombro y la utilidad, cuyos valores teleológicos pueden verificarse perfectamente en las referencias medievales. Utilizando el comparativismo y privilegiando el estudio de las ideas culturales, este artículo examina la plausibilidad de la presencia del bestiario medieval y el proceso de engendramiento o tropo de feminización de la realidad natural colonial, configurando oscilaciones entre el simple disfrute de lo maravilloso y su utilidad práctica. Los términos de esta formación dialéctica son examinados en este artículo, buscando identificar sus límites en la configuración de la realidad en las crónicas del Brasil Colonial. De esta forma, se abordan dos pilares en el artículo, a saber, la tradición simbólica de los llamados libros bestiaros y la tradición tropológica del discurso feminizante de la realidad, tanto de carácter ideológico como político. De esta forma, se concibió estratégicamente una curiosa pero explicable construcción de valores para legitimar las intenciones europeas en la posesión de las tierras americanas en la época colonial.

Abstract: The representation of the natural reality of America epitomized in the chronicles of Colonial Brazil is permeated by a dichotomous posture situated between wonder and utility, whose teleological values can be perfectly verified in medieval references. Using the comparative method and favoring the study of cultural ideas, this article examines the plausibility of the presence of the medieval bestiary and the process or trope of the feminization of the colonial natural reality, configuring oscillations between the simple enjoyment of the wonderful and its practical usefulness. The terms of this dialectical formation are examined in this article seeking to identify its limits in the configuration of reality in the chronicles of Colonial Brazil. In this way, two pillars in the article are approached, namely, the symbolic tradition of the so-called bestiary books and the tropological tradition of the feminizing discourse of reality, both of an ideological and political nature. Therefore, a curious but explainable formation of values were strategically

¹ Professor da [Universidade Federal de Goiás \(UFGO\)](http://www.ufgo.br). E-mail: pfonseca@ufg.br.



conceived to legitimize the European intentions in the possession of the American lands in colonial times.

Keywords: Medieval animals – Gender – Colonial chronicles – Wonderful and usefulness – Discursive strategies – Political order.

Palabras-clave: Animales medievales – Género – Crónicas coloniales – Maravilloso y utilidad – Estrategias discursivas – Orden político.

ENVIADO: 05.04.2022
ACEPTADO: 02.05.2022

Florescidos principalmente a partir do século XII e cultivados séculos adentro nos tempos modernos, os bestiários medievais eram originalmente espécies de cópias manuscritas, de tradição latina de autoria anônima, por vezes ricamente ilustradas, em que se compendiam informações sobre animais, desde os mais familiares à convivência humana até os mais selvagens, exóticos, ou mesmo concebidos imaginária e miticamente.

Apesar do seu forte apelo ao imaginário e fantasioso, os bestiários têm sido considerados por alguns estudiosos como sérios trabalhos de história natural, cujas espécies descritas, mesmo as mais fabulosas, tinham um lastro de realidade, como é inclusive própria da natureza do mítico.²

Apesar desse inegável aspecto de verossimilhança, especialistas querem ver nos bestiários condenáveis arbitrariedades e pseudodoxias ou lastimáveis erros vulgares. Os bestiários medievais possuíam uma genealogia toda compósita. Foram derivados de um protótipo conhecido por *Physiologus* (“O Naturalista”)³, mas sendo originalmente um manuscrito grego antigo resultante de conteúdos das mais antigas tradições acrescidas de contribuições clássicas na esteira de Aristóteles, Heródoto, Plínio e outros naturalistas.

Não se conhece por certo a autoria, o local, nem a data precisa do seu nascimento, mas o que se sabe é que ele, em algum momento, ao entre os séculos III e V, deram origem aos bestiários. Em termos temáticos, em ambos os casos, uma característica ímpar do

² WHITE, Terence Hanbury. *The book of beasts* (trans. and ed. T. H. White). New York: Dover Publications, 1984, p. 231, 237-238.

³ *El Fisiólogo. Bestiario Medieval* (ed. Nilda Guglielmi). Madrid: Ediciones Eneida, 2002.



Physiologus, em aproximação dos bestiários é o valor simbólico das suas mensagens, todas elas edificantes, mais de cunho teológico naquele, e de teor moralizante e cristão neste.

Assim, os bestiários, após a descrição física, comportamental e do *habitat* dos animais tratados, discorriam sobre o seu significado com base retórica no parabólico, na analogia e na alegoria, recursos bastante caros ao processo de entendimento e do conhecimento no contexto medieval.

O significado extraído das espécies bestiárias era essencialmente de natureza moral, fundamentado na ética e na doutrina cristã, constituindo metáforas edificantes⁴, por onde os seres da natureza ensinavam aos homens não só a prática correta do Bem, mas também o caminho para a Salvação.⁵

Esse aspecto didático-teológico dos bestiários, informava-o a própria Bíblia, a exemplo do *Livro de Jó*, em que o profeta incentiva os homens a perguntarem às feras, aves e peixes acerca de ensinamentos das coisas e do mundo divinamente inspirado.⁶

Antes de se examinar o rastreamento dessa tradição bestiária nos relatos cronísticos portugueses, a grande maioria dos casos examinados no presente estudo sobre o Brasil colonial, uma consideração preliminar merece ser feita acerca dessa influência disseminadora. Trata-se da plausibilidade de os bestiários terem sido conhecidos na Península Ibérica, especialmente em Portugal. Na realidade, ainda não se tem notícia da produção de bestiários em solo hispânico, embora motivos desse gênero possam ser largamente encontrados de forma esparsa e disseminada na literatura espanhola e portuguesa.⁷

Haja vista a enorme carga simbólica de imagens e figuras do bestiário medieval presente nas chamadas cantigas de amigo galego-portuguesas, em que a função poética da natureza se fazia representar por convencionais qualidades de animais pejados de sentimentalidade ou mesmo de erotismo, a exemplo do famoso servo do monte e das aves do campo alvejados pela seta amorosa do malvado amigo amante.

⁴ CLAIR, C. *Unnatural history: an illustrated bestiary*. New York: Abelard Schumann, 1967, p. 13.

⁵ COHEN, J. *Be fertile and increase, fill the earth and master it: The ancient and medieval career of a biblical text*. Ithaca: Cornell University Press, 1989, p. 224.

⁶ Jo 12: 7-8.

⁷ LUGONES, N. A. *Los bestiarios en la literatura medieval Española*. University of Texas, Austin, 1976; MARTINS, M. “Os bestiários na nossa literatura medieval”. In: *Brotéria*, 1951, v. 52, p. 547-560.



Entretanto, há evidentes provas da existência, na Catalunha, de versões do *Bestiário toscano*, sendo que, em Castilha, foi ainda dominante a influência do *Livro do tesouro* de Brunetto Latino. Escrito em francês na segunda metade do século XIII, o livro tem o feitiço de tratado enciclopédico, incluindo extensas referências bestiárias e divulgado por manuscritos catalães, aragoneses e, sobretudo, castelhanos.⁸

Em Portugal, a presença literal da tradição bestiária encontra-se, até o presente momento, restrita à descoberta de três diferentes cópias manuscritas, do *De auibus* (“Das aves”) ou *Liber auium* (“Livro das aves”) que, pertencente ao tratado *De bestiis et aliis rebus* (“Dos animais e outras coisas”) (século XII), foi atribuído a Hugo de Folieto. Tais cópias latinizadas são conhecidas como *Livro das Aves*, e existem preservadas em Portugal em número de três.

Não obstante essa escassez de exemplares de bestiários em solo ibérico, essa tradição permeou, de forma indireta, não só a cultura popular hispânica da Idade Média e dos princípios dos tempos modernos, mas também a sua literatura, fosse de natureza erudita, religiosa ou ficcional (poesia, romances e novelas de cavalaria). E essa disseminação veio a influenciar, em muitos casos, a elaboração, real ou imaginária, da chamada literatura de viagens em percurso Oriental, conforme atesta, apesar de desmistificador de muitas realidades imaginárias, o *Il milione*, título com o qual se vulgarizou o livro das *Viagens*, de Marco Polo, escrito por volta de 1298.

Outra consideração preliminar que merece ser feita acerca da plausibilidade disseminadora da influência bestiária na cronística portuguesa sobre o Brasil colonial tem a ver com a funcional combinação verificada entre o caráter de “propaganda” teologista e moralista dos bestiários e a intenção pragmática e promocional dessa cronística, a qual se primou pelo binômio de termos espiritualidade *versus* materialidade.

A bem da verdade, esse binômio já se fizera presente no espiritualismo materialista de um Cristóvão Colombo nos anos seguintes à sua façanha de 1492, quando em correspondência aos Reis Católicos recomendava o empreendedorismo dos soberanos em busca do ouro das suas Índias Ocidentais, porque esse precioso metal custearia a evangelização dos gentios. E é essa mesma ambivalência de Colombo que ora tendendo para um dos lados do binômio caracterizaria a visão dos cronistas coloniais, mormente de ascendência religiosa.

⁸ ESTRADA, L. “Sobre la difusión del ‘Tesouro’ de Brunetto Latini en España”. In: *Spanische Forschungen der Goerresgesellschaft*, Munich, 1960, p. 137-152.



Nessa ordem de ideias, é de se verificar que o espírito de documentação, apego ao imediato, concreto, racional e utilitário normalmente caracterizaram, de forma diferenciada, nos cronistas da América Espanhola, o comedimento, a contenção e o realismo dos relatos cronísticos portugueses, principalmente quinhentistas relativamente à fantasia, ao puramente imaginário e às desvairadas especulações.

Apesar dessa espécie de inarredável *ratio* (“razão”) portuguesa nas descrições e representações das portentosas terras brasileiras, não raramente a credulidade dos seus cronistas no sobrenatural e maravilhoso permeavam vivamente os seus relatos e crônicas. Nunca esses cronistas, fundamentados em arcanos princípios religiosos fincados na tradição medieval⁹, deixaram por completo, inclusive recrudescidos por uma mentalidade escolástica¹⁰, de retratar esse ou aquele animal revelados em suas inusitadas características e propriedades maravilhosas e portentosas, por onde motivos teológicos, próprios das simbólicas caracterizações bestiárias, podiam ser notados com respeitosa reverência ao sobrenatural.

O fato é que, parecendo familiares com franca credulidade para com as maravilhas e os milagres da natureza, esses portugueses pareceram ter todo esse conteúdo naturalizado em nome dos auspícios de uma religião eminentemente conservadora em seus aspectos medievais. Ressoando essas peculiaridades do espírito português da época, ainda bastante presentes nos dias atuais no caráter da nação, as caracterizações bestiárias coloniais se faziam notadamente presentes, ainda que, com certa relutância desacompanhadas das elucubrações moralizantes próprias dos bestiários.

O fato é que, apesar de que a fauna desses relatos cronísticos devesse se submeter a um tratamento documental e empírico, muitas das descrições dos seus animais, principalmente os mais exóticos e bizarros, relembavam motivos de protótipos pertencentes à tradição dos bestiários medievais.

A começar por Pero de Magalhães Gandavo que, em muitos momentos do seu *Tratado da terra do Brasil* e da sua *História da Província de Santa Cruz* (1576), demonstra-se, por trás dos seus propósitos utilitaristas, um convicto teologista, na medida em que procura indagações transcendentais para explicar o mistério que a aparência das coisas esconde.

⁹ HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1969, p. 1, 5, 102-103 e *passim*.

¹⁰ SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1955, p. 190.



Isso acontece, por exemplo, na passagem em que o cronista descreve, no seu *Tratado da terra do Brasil*, o interior dos figos do Brasil (bananas) formado de um sinal ao modo de um crucifixo, evidentemente uma peculiaridade reveladora dos desígnios divinos.¹¹

Seguindo essa mesma conduta, na sua *História da Província de Santa Cruz*, a respeito da sensitiva, o cronista fala das secretas propriedades virtuosas de certas espécies naturais.¹²

Entretanto, conforme mencionado anteriormente, para esses cronistas portugueses as benesses do entendimento transcendental logo recebiam uma naturalização prática e utilitária. É que acontece nos *Diálogos das grandezas do Brasil* de Ambrósio Fernandes Brandão, quando o cronista, em 1618, considera a benevolência, prodigalidade e beleza paradisíaca com imensas possibilidades de exploração das suas qualidades para fins lucrativos e materiais.

Quando defrontados com incomuns singularidades prodigiosas, impossíveis de submissão a um entendido racional e prático, esses mesmos cronistas portugueses procuravam suporte no legado dos bestiários medievais que não falhavam em dar à natureza um simbolismo virtuoso de caráter sobrenatural divinamente instruído.

Talvez, no conjunto da cronística do Brasil colonial, não tenha sido mais significativo da expressão dessa instrução divina da natureza do que a descrição de uma misteriosa planta das matas brasileiras conhecida como erva-viva, a *mimosa pudica* da botânica latina, assim nomeada por recorrência às suas qualidades morais. Essa enigmática planta haveria, da mesma forma que certos curiosos animais, de ter o cuidado de perpetuar no imaginário desses cronistas significados e conotações que recordassem a visão medieval da natureza.

Tão tardiamente quanto no século XVII, a intrigante erva-viva de Gandavo, estava ainda dando as suas lições morais naturais, fornecendo considerações hieroglíficas acerca da realidade, como aquela do padre Simão de Vasconcelos, em 1663, na sua *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, talvez a mais elaborada descrição da famosa planta nos tempos coloniais. Assim diz o cronista acerca da modesta planta virtuosa:

¹¹ GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado descritivo do Brasil/História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo/Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 51, 62.

¹² GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado descritivo do Brasil/História da Província de Santa Cruz*, *op. cit.*, p. 101.



Basta tocar-lhe na ponta de hum de seus ramos, pera que logo toda ella, e todos elles, como sentidos e aggravados, desordenem a pompa de suas folhas, murchando-se de repente, e quasi vestindo-se de luto (quaes se ficarão mortos ou envergonhados) até que, passada a primeira cólera, torna em si a planta, estende de novo seus ramos, e tornão a ostentar sua pompa.¹³

E completando a intenção moralizante da referência, bem ao gosto dos enigmas barrocos, o padre jesuíta termina a alegoria dizendo que

[h]e planta emula do Sol: em quanto elle vive, vive ella; e em se pondo, com elle se sepulta, enrolando a gala de seus ramos, quasi amortalhada em suas mesmas folhas, tornadas de côr de luto, até passar o triste da noite, e tornar o alegre do dia: segredo só do Autor que a fez.¹⁴

É de se notar aqui que essa peculiaridade ao estilo barroco evidentemente encontrava as suas raízes fincadas na cosmovisão medieval, no seu sistema anagógico de correspondências, através das quais a coisas da natureza, plantas e bichos, se revelavam como um grande teatro, em que segredos e enigmas do Divino se manifestam.

É com esse mesmo estado de impressão maravilhosa do mundo que, anteriormente ao padre Vasconcelos, outro religioso, o padre Vicente do Salvador, em sua *História do Brasil: 1500-1627*, compara, apesar do seu ângulo de visão mais científico, o tropismo da sensitiva brasileira à propriedade magnética do ímã.¹⁵

Se as mais elaboradas e exuberantes considerações sobre essa planta correspondiam ao gosto pelo espetacular acima contextualizado, no entanto, é necessário destacar que já na modesta percepção teologista de Pero de Magalhães Gandavo, um dos primeiros cronistas do Brasil Colonial, comparece a surpreendente planta conferida evidentemente em ideias próprias da tradição mística medieval.

Assim, na sua *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, de 1576, o cronista arrazoa que não vai mencionar plantas brasileiras que não sejam de benefício conhecido aos da terra, em razão de não darem frutos consumíveis. Em meio a essa declarada posição utilitarista, faz, entretanto, exceção à sensitiva por sua maravilhosa

¹³ VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865, I, p. cxxxi.

¹⁴ VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, *op. cit.*, I, p. cxxxi.

¹⁵ FREI VICENTE DO SALVADOR. *História do Brasil. 1500-1627*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, *Coleção Reconquista do Brasil*, vol. 49, 1982, p. 68.



qualidade de ânimo causadora de espanto em qualquer um que a veja comportar-se como um ser com vida:

Esta planta deve ter alguma virtude mui grande, a nós encoberta, cujo effeto nam será pela ventura de menos admiraçam. Porque sabemos de todas as hervas que Deos criou, ter cada huma particular virtude com que fizessem diversas operações naquellas cousas pera cuja utilidade foram criadas e quanto mais esta a que a natureza nisto tanto quiz assinalar dando-lhe hum tam estranho ser e diferente de todas as outras.¹⁶

Essa consideração de Gandavo, em uma obra que pode ser considerada a primeira do gênero historiográfico sobre o Brasil colonial, assume grande importância para a discussão da presença de uma característica significativa do pensamento medieval nos cronistas coloniais, ou seja, a já mencionada recorrência às significações anagógicas usadas para legitimar as virtudes doadas por Deus à natureza. Não estaria o cronista ainda próximo daquela disposição religiosa que viu na fé o princípio básico do entendimento, a conhecida máxima agostiniana de ter-se que acreditar para compreender?

Relativamente aos tipos de animais da tradição dos bestiários medievais que mais nitidamente se fazem presentes nas referências que Gandavo faz a certas espécies estranhas, encontram-se a fabulosa serpente *giboiossú*, cujo poder de renascimento lembra o da mitológica ave *Phoenix*, e a estranha *hebjara*, cobra de duas cabeças, uma em cada extremidade do seu corpo, cuja figura traz analogia com a *amphisbaena* dos bestiários.¹⁷

Na verdade, a presença da serpente *giboiossú* torna-se referência bastante verificada nos cronistas devido à óbvia razão da associação da sua simbologia do renascimento com a ideia de fertilidade da terra que sazonalmente se rejuvenesce constituindo um motivo bastante caro às expectativas promocionais do colonizador.

A *giboiossú* de Gandavo é referida pelo padre Fernão Cardim, no seu tratado *Do clima e terra do Brasil*, de 1584, com o nome de *sucurijuba*. O jesuíta ainda aborda esse tema do renascimento de certas espécies naturais citando o caso do pássaro *guainumbig*, o beija-flor dos hortos brasileiros.¹⁸

¹⁶ GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado descritivo do Brasil/História da Província de Santa Cruz*, op. cit., p. 101.

¹⁷ GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado descritivo do Brasil/História da Província de Santa Cruz*, op. cit., p. 60.

¹⁸ CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 55, 33.



No *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa nomeia jiboia essa prodigiosa serpente renascente das terras brasileiras, nome pelo qual ficaria geralmente conhecida.¹⁹

É, entretanto, nos *Diálogos das grandezas do Brasil*, de 1618, de Ambrósio Fernandes Brandão que a jiboia, nomeada pelo cronista *boaçu*, é comparada textualmente, com maior apresentação de motivos, à mitológica *Phoenix*.²⁰

Na realidade, os *Diálogos* de Brandão podem ser considerados uma verdadeira *menagerie* intertextual de figuras bestiárias, como o pássaro *gurainguetá* (comparado ao Pelicano), o quadrúpede *jarataquáquá* (reminiscente do Bonacão) e outros tantos animais portadores de características realmente maravilhosas, fabulosas e extravagantes, bem ao gosto da mentalidade medieval que, não poupando recursos do seu imaginário, entendia o monstruoso, o portentoso, o ostentoso e o prodigioso como naturais manifestações naturais da onisciência e do poder criativo divino.

Se não pode ser notado aquele aspecto moralizante apropriadamente recorrente a referências religiosos nessas criaturas descritas nos relatos cronísticos, como no caso dos bestiários, entretanto, a detida atenção e os comentários dos seus autores dedicados na retratação dos prodígios naturais cumprem outras funções ideológicas no âmbito da mentalidade colonizadora desses cronistas em terras brasileiras.

Para além da sua simples função informativa ou da sua atitude do maravilhar-se simplesmente gratuito, o discurso dessa cronística pautou-se por uma ordem ideológica e política posta em prática tanto por meio de expedientes e ações fatuais como por intermédio de estratégias narrativas.

Em ambos os casos, o seu denominador comum representava-se pela intenção promocional e de consumo religiosa ou laica. E dessa intenção não se desvinculava a ideia de exploração, apropriação e dominação, mecanismos legitimados pelo *logos* do colonizador fundamentado na ideia de sua superioridade civilizacional. O Brasil Colonial, não diferentemente de toda a América, estava fadado à sucumbência mítica da figura do herói civilizador, do qual a construção do mito do Pai Sumé ou Tomé foi a contribuição luso-brasileira à invenção do Novo Mundo na sua simbiose com o Velho.

¹⁹ SOUSA, Gabriel Soares. de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987, p. 258.

²⁰ BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930, p. 254.



O que se examina a seguir são algumas reflexões críticas acerca das estratégias promocionais da colonização presentes na cronística colonial recortadas em referência à realidade natural da *terra brasílis*, da qual a sua fauna exótica e fabulosa muito significou para a sua representação. As ações fatuais desse processo exploratório colonizador são por demais conhecidas.

Um rápido olhar crítico das exuberantes paisagens naturais brasileiras de cartazes ou folhetos de propaganda turística, ilustram, ainda hoje, as raízes daquele processo promocional e extrativista inerente à história da colonização. No discurso cronístico sobre o Brasil colonial, bastante interessante ao lado da realidade documental era o seu tratamento retórico, em que metáforas e o figurativo indicavam uma espécie de reflexo existente entre imaginário e ideologia.

Na continuidade dessas reflexões, é bastante tentador apropriar-se dos comentários de Howard Bloch acerca da configuração retórica do discurso misógino medieval, para se concluir *mutatis mutandis* que, no exame desse discurso cronístico colonizador, mais suficiente do que simplesmente recitar uma vez mais a história da injúria exploratória da colonização seria explorar os seus mecanismos retóricos, “desconstruir” os momentos de sua euforia ou disforia diante dos espantosos seres naturais, a fim de se poder verificar as fissuras das suas verdadeiras intenções.²¹

É nesse terreno crítico da interface entre motivos ideológicos e a sua expressão retórica e figurativa que se situam o que os estudos culturais denominam de tropologias. Segundo essa perspectiva, os tropos do discurso da cultura Ocidental, manipulados para a representação de culturas alienígenas, construíram-se, desde a tradição greco-latina, fundamentados num complexo hierárquico eurologocêntrico, segundo o qual essas outridades culturais reduziam-se apenas ao biológico e elementar.

Em termos colonialistas, isso correspondia à tendência em associar o colonizado e o seu espaço apenas ao vegetativo e instintivo, projetando-o como corpo, como matéria crua e nua, como insuficiência ou mesmo ausência de atividades mentais e manufaturadas²², prontos para receberem a escrituração hegemônica do colonizador.²³

²¹ BLOCH, Howard R. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 11.

²² SHOHAT, E.; STAM, R. *Unthinking eurocentrism: multiculturalism and the media*. London and New York: Routledge, 1994, p. 138.

²³ CERTEAU, Michel de. *The writing of history*. New York: Columbia University Press, 1988, p. xxv-xxvi,



Toda essa construção ideológica e sua correspondente ordem política identificam o que se pode chamar, nesse discurso que coloniza, de tropologia da naturalização, espécie arquetípica na medida em que abarca outras formações igualmente tropológicas. Se se considerar, em termos de discurso do gênero, que o eurologocentrismo se demonstra, em termos de linguagem, qualificado – desde as mais remotas teogonias e sistemas religiosos²⁴, pensamentos políticos²⁵, e sociais²⁶ da cultura Ocidental – como a expressão de uma regência androcêntrica²⁷ e patriarcalista²⁸, as formações tropológicas derivadas da naturalização, todas elas traduzem um *logos* e uma razão civilizacional fundamentados na ideia de superioridade e poder do gênero masculino do colonizador.²⁹

Dessa forma, por um curioso, mas explicável, curto-circuito semântico entre a ordem cultural e a ordem sexual dessa mentalidade colonizadora – e em atendimento ao seu projeto hierarquizante³⁰ – não só a realidade natural mas também a realidade humana do espaço da colonização sucumbiram a posições inferiorizadas. Tais posições derogatórias encontraram a sua expressão tropológica mais substancializada na imagem da feminização, uma vez que ao feminino – por meio de uma curiosa associação entre defectibilidade e inferioridade biológicas e intelectuais³¹, corruptibilidade³² e brutalidade³³, imperfeição moral e espiritual³⁴ e pecaminosidade contra a natureza³⁵ – corresponderia, nas mais diversas concepções misóginas da tradicional cultura europeia, um estado de insuficiência e degenerescência caracterizado pela infantilidade, animalidade, brutalidade e mesmo malignidade, cujo exemplo máximo, nesse último

²⁴ MILES, Rosalind. *The women's history of the world*. New York: Harper and Row, 1990, p. 68.

²⁵ SCHOCHET, Gordon J. *Patriarchalism in political thought*. New York: Basic Books, 1975.

²⁶ AMUSSEN, Susan Dwyer. *An ordered society: gender and class in early modern England*. Oxford: Basil Blackwell, 1988.

²⁷ SHOWALTER, Elaine. "Introduction: the rise of gender". In: SHOWALTER, Elaine (org.). *Speaking of gender*. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1989, p. 1-13.

²⁸ MONTROSE, Louis. *Discourse of sexuality: from Aristotle to Aids*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992, p. 171.

²⁹ CUDDON, John Anthony. *The Penguin Dictionary of literary terms and literary theory*. New York: Penguin Books, 1992, p. 341.

³⁰ MACKINNON, Catharine. *Feminism unmodified*. Cambridge: Harvard University Press, 1987, p. 32.

³¹ TUANA, Nancy. *The less noble sex: scientific, religious, and philosophical concepts of woman's nature*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1993, p. 21.

³² STARR, Tama. *The "natural inferiority" of women: outrageous pronouncements by misguided Males*. New York: Poseidon Books, 1991, p. 35-36.

³³ BEM, Sandra Lipsitz. *The lenses of gender: transforming the debate on sexual inequality*. New Haven: Yale University Press, 1993, p. 50-51.

³⁴ ROGER, Katharine M. *The troublesome helpmate: a history of misogyny in literature*. Washington, D.C.: University of Washington Press, 1996, p. 4.

³⁵ DUBERMAN, Lucile. *Gender and sex in society*. New York: Praeger Publishers, 1975, p. 7.



caso, encontrava-se virulentamente preconizado nas teses diabolizadoras da mulher, tais quais expostas no *Malleus Maleficarum* (“Martelo das feiticeiras”), um dos mais ferrenhos manuais de caça à bruxaria medieval escrito em 1484.³⁶

Luciana Stegagno Picchio comenta que o descobridor português, a começar por Pero Vaz de Caminha, de 1500, ano do descobrimento do Brasil, demonstrou, sobretudo, um especial interesse pela “boa selvagem”³⁷, isto é, pela receptividade feminina construída pelo colonizador como projeção sexualizada dos seus ideais de conquista e dominação.

Entretanto, essa tropologia da feminização da realidade natural e humana apresentava-se ambivalente em termos ideológicos. Primeiramente, porque a natureza, metaforizada como feminina, foi desejada como um virgem corpo sedutor por sua beleza e apetitosa fertilidade, pronto para ser penetrado, possuído, dominado e explorado em suas benesses e riquezas naturais, conjugando-se, dessa forma, o erótico com a projeção de uma intenção econômica e política.³⁸

Concomitante com esse escrutínio do exótico-enquanto-erótico, expositor dos segredos ocultos no ventre da natureza feminina³⁹, a sua defloração e inseminação colonizadoras – regidas por uma dialética de interesses materiais e espirituais interconversíveis, característica do que se denominou “imperialismo cristão”⁴⁰ – desbrutalizaria essa natureza feminina da sua selvageria e incivilidade, revelando um estratégico jogo retórico em que o estupro se justificaria como resgate.

Ao lado dessa disposição desejosa do conquistador, essa mesma natureza foi, por outro lado, rejeitada por suas adversidades agressivas e destruidoras, não em sua realidade propriamente natural, mas antropomórfica, na medida em que a verdadeira intolerância e mesmo fobia do colonizador manifestaram-se em relação à figura do brasilíndio

³⁶ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras. Malleus Maleficarum* (introd. histórica: Rose Marie Muraro; prefácio: Carlos Byington; trad.: Paulo Fróes). Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1991.

³⁷ PICCHIO, Luciana Stegagno. *Mar Aberto: viagens dos portugueses*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999, p. 153.

³⁸ ZAMORA, Margerite. *Reading Columbus*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1993, p. 162 e 154.

³⁹ PARKER, Patricia A. *Literary fat ladies: rhetoric, gender, property*. London: Methuen, 1987, p. 142.

⁴⁰ GREENBLATT, Stephen. *Marvelous possessions: the wonder of the New World*. Chicago: University of Chicago Press, 1991, p. 71.



considerado monstruoso especialmente por seu animalesco costume canibalesco associado a certas corrupções morais.

Imagem 1



Allegorical Representation of 'America' (ca. 1600). Atribuído a Maarten de Vos (1532-1603).
[University of Michigan Museum of Art](#). Museum Purchase 1960/2.24.

Dentre tais corrupções, destacavam-se a incontinência dos seus apetites carnis e a sua excessiva luxúria, até mesmo referida em termos de prostituição e inversões sexuais, tais como a sodomia. No que se refere à conjugação da barbárie canibalesca brasilíndia,



completa o quadro cultural do discurso androcêntrico colonizador a insistente referência, como fato cronístico, do registro da participação da brasilíndia no canibalismo, cuja cooperação foi descrita de forma especialmente elaborada.

É à brasilíndia que competia, segundo o costume, propiciar o ritual da carne a ser devorada, inclusive com motivações demonológicas quando, descritas demonizadas pelos pajés ou feiticeiros, profetizavam a vitória das guerras aborígenes com a finalidade do aprisionamento de vítimas para a canibalização. Os comentários de muitos cronistas sobre os elementos da selvageria, engano e canibalismo, misturam esses ingredientes, centrais à sua preocupação ideológica colonialista, com uma rude e ansiosa fantasia misógina, por meio da qual se revela uma poderosa conjugação entre o selvagem e o feminino.⁴¹

A verificação em tais cronistas da excessiva inclinação e insaciabilidade libidinosa na figura da brasilíndia *vis-à-vis* a sua preponderante atuação no regime alimentar canibalesco, correspondia a uma curiosa concatenação metafórica que pode ser examinada entre esse aspecto da regência feminina da economia alimentar, o seu controle na economia sexual e a sua simbologia maleficiente. Isto porque, tradicionalmente, a ingestão carnal e a indomável sexualidade estiveram, devido ao seu fácil deslize para a irascibilidade, descontrole, extravagância e incontinência, sempre ligadas à ideia da maligna natureza e do corrupto e devorador sexo da mulher.⁴²

Essa espécie de canibalismo sexual feminino recebeu simbólicas conotações demonológicas⁴³, das quais a mais conhecida é o tropo da *vagina dentata* que, identificada pelo cristianismo medieval como “portão do Diabo”, reviveu a ancestral imagem femifóbica da genitália feminina pronta para a emasculação do homem.⁴⁴

A considerar-se uma inevitável correspondência simbólica do peso dessa tradicional mentalidade misógina no imaginário do europeu colonizador, a imagem feminina da realidade canibalesca a ser colonizada, contrariamente àquelas desejosas tropologias da naturalização e feminilização anteriormente consideradas, não poderia senão expressar

⁴¹ MONTROSE, Louis. *Discourse of sexuality: from Aristotle to Aids*, op. cit., p. 144.

⁴² BADINTER, Elizabeth. *The unopposite sex: the end of the gender battle*. New York: Harper and Row, 1989, p. 90.

⁴³ FIGES, Eva. *Patriarcal attitudes: women in society*. New York: Persea Books, 1987, p. 61-62.

⁴⁴ WALKER, Barbara G. *The Woman's Dictionary of Symbols and Sacred Objects*. San Francisco: Harper and Row, 1988, p. 328; BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: mitos e fatos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 118-119.



uma disfórica indisposição interposta à expectante retórica da apropriação, controle e domínio do discurso colonizador.

Entretanto, mesmo nessa situação desfavorável, ainda retoricamente, senão faturalmente, se legitimariam as premissas ideológicas do androcentrismo europeu exercitado em termos colonizadores que, autoinvestidos de uma superior competência civilizacional e espiritual, aportaram à América não só com insígnias cruciformes, instrumentos tecnológicos e bélicos superiores, mas também, mentalmente, com a imagem de uma balança para medir a barbárie.

E o fiel dessa balança condicionava-se, como não poderia deixar de ser, por manipulações de regulagens sistematicamente indicadoras de relações assimétricas de poder e valores, situação que caracterizaria todo o processo colonizador como uma inevitável disposição para a incomensurabilidade. E, desse modo condicionada, a colonização sempre seria feita inapelavelmente como o resultado de um tendencioso processo de desmedida.

Fontes

- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- El Fisiólogo. Bestiario Medieval* (ed. Nilda Guglielmi). Madrid: Ediciones Eneida, 2002.
- FREI VICENTE DO SALVADOR. *História do Brasil. 1500-1627*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, *Coleção Reconquista do Brasil*, vol. 49, 1982.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado descritivo do Brasil/História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo/Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras. Malleus Maneficarum* (introd. histórica: Rose Marie Muraro; prefácio: Carlos Byington; trad.: Paulo Fróes). Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1991.
- SOUSA, Gabriel Soares. de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- VASCONCELOS, S. de. *Crónica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865.



Bibliografia

- AMUSSEN, Susan Dwyer. *An ordered society: gender and class in early modern England*. Oxford: Basil Blackwell, 1988.
- BADINTER, Elizabeth. *The unopposite sex: the end of the gender battle*. New York: Harper and Row, 1989.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: mitos e fatos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.
- BEM, Sandra Lipsitz. *The lenses of gender: transforming the debate on sexual inequality*. New Haven: Yale University Press, 1993.
- BLOCH, Howard R. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- CERTEAU, Michel de. *The writing of history*. New York: Columbia University Press, 1988.
- CLAIR, C. *Unnatural history: an illustrated bestiary*. New York: Abelard Schumann, 1967.
- COHEN, J. *Be fertile and increase, fill the earth and master it: The ancient and medieval career of a biblical text*. Ithaca: Cornell University Press, 1989.
- CUDDON, John Anthony. *The Penguin Dictionary of literary terms and literary theory*. New York: Penguin Books, 1992.
- DUBERMAN, Lucile. *Gender and sex in society*. New York: Praeger Publishers, 1975.
- ESTRADA, L. "Sobre la difusión del 'Tesouro' de Brunetto Latini en España". In: *Spanische Forschungen der Goeresgesellschaft*, Munich, 1960, p. 137-152.
- FIGES, Eva. *Patriarcal attitudes: women in society*. New York: Persea Books, 1987.
- GONÇALVES, M. I. R. *Livro das aves: estudo e tradução de Hugo de Folieto, De auibus*. Lisboa: Edições Colibri, 1999.
- GREENBLATT, Stephen. *Marvelous possessions: the wonder of the New World*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1969.
- LUGONES, N. A. *Los bestiarios en la literatura medieval Española*. University of Texas, Austin, 1976.
- MACKINNON, Catharine. *Feminism unmodified*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.
- MARTINS, M. "Os bestiários na nossa literatura medieval". In: *Brotéria*, 1951, v. 52, p. 547-560.
- MIGNE, J.-P. *Patrologia latina*. Editio nova, CLXXVII, cols. 9-164. Turnholt, 1980.
- MILES, Rosalind. *The women's history of the world*. New York: Harper and Row, 1990.
- MONER, R. D' A. *Els Bestiaris a Catalunya*. Barcelona, 1924.
- MONTROSE, Louis. *Discourse of sexuality: from Aristotle to Aids*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.
- NANCY, T. *The less noble sex: scientific, religious, and philosophical concepts of woman's Nature*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1993.
- PARKER, Patricia A. *Literary fat ladies: rhetoric, gender, property*. London: Methuen, 1987.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *Mar Aberto: viagens dos portugueses*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- ROGER, Katharine M. *The troublesome helpmate: a history of misogyny in literature*. Washington, D.C.: University of Washington Press, 1996.
- SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1955.
- SCHOCHET, Gordon J. *Patriarcalism in political thought*. New York: Basic Books, 1975.
- SHOHAT, E.; STAM, R. *Unthinking eurocentrism: multiculturalism and the media*. London and New York: Routledge, 1994.



Antonio CORTIJO & Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 34 (2022/1)

Jan-Jun 2022
ISSN 1676-5818

- SHOWALTER, Elaine. "Introduction: the rise of gender". In: SHOWALTER, Elaine (org.). *Speaking of gender*. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1989, p. i-xxvi.
- STARR, Tama. *The "natural inferiority" of women: outrageous pronouncements by misguided Males*. New York: Poseidon Books, 1991.
- TUANA, Nancy. *The less noble sex: scientific, religious, and philosophical concepts of woman's nature*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1993.
- WALKER, Barbara G. *The Woman's Dictionary of Symbols and Sacred Objects*. San Francisco: Harper and Row, 1988.
- WHITE, H. *Tropics of Discourse: essays in cultural criticism*. Baltimore and London: Johns Hopkins University, 1992.
- WHITE, Terence Hanbury. *The book of beasts* (trans. and ed. T. H. White). New York: Dover Publications, 1984.
- ZAMORA, Margarite. *Reading Columbus*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1993.